



## DE PIBIDIANO A COORDENADOR DE ÁREA: UM RELATO MNEMÔNICO SOBRE A EXPERIÊNCIA NO PIBID

Marcelo Amaral Coelho <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe um relato sobre a iniciação à docência a partir da memória implícita na trajetória de um discente pibidiano que hoje atua como coordenador de área dentro do programa. Tal proposta tem na escrita científica o desafio de fazer a experiência próxima (vivenciado) em experiência distante (observado). Transformando, dessa maneira, a descrição em reflexão. Um caminho para isso foi propor o texto científico como um lugar de memória. Relatar fatos, experiências, dificuldades... Momentos que construíram essa trajetória. O trabalho foi estruturado a partir do método qualitativo/autobiográfico partindo da experiência pessoal no PIBID amparado pelo aprofundamento teórico em pesquisas bibliográficas, anotações de leituras, consultas de documentos e relatos de memória. Foi então que se recorreu à ideia de lugar de memória como espaço de reflexão contra os traumas dos esquecimentos contemporâneos. Entender o texto científico como um lugar de memória contribui para humanizar a formação docente, reafirmar um lugar de fala e evitar os acúmulos da memória prótese. O PIBID, por sua vez, é um programa de iniciação à docência para a ampliação da formação discente ao inserir o mesmo no chão da escola pública. Contemplando, assim, possibilidades de ricas experiências para discentes e docentes das universidades brasileiras. É quando se pensa relevante o compartilhamento de uma memória que traz consigo algumas dessas experiências. Além de contribuir para a própria memória social do PIBID. Enquanto pibidiano, a experiência foi um divisor de águas na atuação docente; possibilitou a publicação do primeiro artigo acadêmico; e ofertou uma bolsa favorecendo a permanência na universidade. Como coordenador de área surgiram desafios quanto à orientação pedagógica; à gestão de pessoas; e à produção acadêmica. Por tudo isso, as memórias da iniciação à docência no PIBID foram/são/serão fundamentais para a atuação docente como professor e coordenador de área.

**Palavras-chave:** Coordenador de área, Iniciação à docência, Lugar de Memória, PIBID, Pibidiano.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe um relato sobre a iniciação à docência a partir da memória implícita na trajetória de um discente pibidiano que hoje atua como coordenador de área dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Esse relato conta de um período vivenciado entre 2014-2015 enquanto pibidiano e de um segundo momento entre 2022 até hoje como coordenador de área. Tal proposta tem na escrita científica o desafio de fazer a experiência próxima (vivenciado) em experiência distante

---

<sup>1</sup> Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade (PPGPACS/UFRJ); Professor do curso de Belas Artes (UFRJ); Coordenador PIBID Belas Artes (UFRJ). Email - m.a.coelho38@ufrj.br





(observado). Transformando, dessa maneira, a descrição em reflexão. Um caminho para isso foi propor o texto científico como um lugar de memória. Relatar fatos, experiências, dificuldades... Momentos que construíram essa trajetória.

O relato teve por objetivos: propor o texto científico como um lugar de memória para a humanização da formação docente, reafirmar um lugar de fala e evitar os acúmulos da memória prótese. Foi então que se recorreu à ideia de lugar de memória como espaço de reflexão contra os traumas do esquecimento. O texto foi estruturado a partir do método qualitativo/autoetnográfico partindo da experiência pessoal no PIBID amparado pelo aprofundamento teórico em pesquisas bibliográficas, anotações de leituras, consultas de documentos e relatos de memória.

O PIBID é um programa de iniciação à docência, ampliação da formação discente e inserção no chão da escola pública. Contemplando, assim, ricas experiências para discentes e docentes das universidades brasileiras. Possibilitando, dessa maneira, aproximar a universidade da educação básica; enriquecer a formação docente do licenciando; incentivar a pesquisa a partir da realidade escolar; dentre outras coisas. É quando se pensa relevante o compartilhamento de uma memória que traz consigo algumas dessas experiências. Além de contribuir para a própria memória social do PIBID. Enquanto pibidiano, a experiência foi um divisor de águas na atuação docente; possibilitou a publicação do primeiro artigo acadêmico; e ofertou uma bolsa favorecendo a permanência na universidade. Como coordenador de área surgiram desafios quanto à gestão de pessoas e à produção acadêmica.

Por tudo isso, as memórias da iniciação à docência no PIBID foram/são/serão fundamentais para a atuação docente como professor e coordenador de área. Espera-se que o texto, escrito a partir de uma perspectiva autoetnográfica, possa socializar experiências que venham a enriquecer a vida em comunidade [escolar e universitária].

## **METODOLOGIA**

O desenvolvimento desse relato teve como fio condutor o método qualitativo autoetnográfico cuja matéria prima é “[...] o uso da memória do Autor, da sua própria experiência vivida, como fonte para descrever a experiência [...]” (Santos, 2017, p. 215). Nesse momento, passam a conviver em harmonia o sujeito e o objeto da pesquisa. Se trata de uma escrita cuidadosa sob o risco de descambar para a descrição subjetiva. Para que isso não





acontecesse foi preciso atentar aos princípios orientadores básicos de uma pesquisa dessa ordem. Foram eles: orientação metodológica, de base etnográfica e analítica; orientação cultural voltada à interpretação e a orientação do conteúdo entre a autobiografia e um caráter reflexivo” (Santos, 2017).

A partir disso foi empreendida uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos e outros textos científicos. Inicialmente, de maneira exploratória, tais materiais foram levantados a partir do que se tinha em uma ‘biblioteca’ particular no próprio notebook. Os textos selecionados foram lidos e os fichamentos/anotações organizados em arquivos reunidos em pasta virtual no Drive. Em seguida, por meio da análise de conteúdo se deu o aprofundamento no pensamento dos autores que viriam a contribuir no caráter reflexivo do texto. Tudo a fim de evitar qualquer compartilhamento equivocado de informação/conhecimento (Gil, 2002).

Ainda se fez uma pesquisa iconográfica para reunir aquelas imagens que poderiam colaborar visualmente no texto. Algumas dessas imagens se encontravam nos arquivos de professores e colegas de turma à época de bolsista do PIBID. Foi necessário entrar em contato com os mesmos a fim de conseguir as imagens. Esses contatos se deram tanto verbalmente como via whatsapp. A seleção das imagens a integrar o texto se deu mediante a necessidade das informações compartilhadas.

Foi realizada também uma pesquisa documental em ‘fontes de papel’ - conforme dito por Gil (2002) - compreendendo portarias, editais e outros que servissem como fonte primária. Essas fontes foram pesquisadas na internet e na ‘biblioteca’ particular. Tais materiais se mostraram importantes para embasar a validade do PIBID.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A produção, divulgação e apropriação da informação tem se tornado uma demanda urgente ao passo que se caminha para a consolidação de uma sociedade do conhecimento. Isso tem exigido um redirecionamento na pesquisa científica. O que implica entender o texto acadêmico como um ‘chamamento social’ à partilha e ampliação desse conhecimento. Outros parâmetros críticos e reflexivos devem ser somados ao que, por tempos, funcionou para delinear as linhas da pesquisa. O que demanda o reconhecimento de tipos diversos de reverberação do conhecimento investigativo.





É quando se atenta ao relato de experiência (RE) como produção, divulgação e apropriação do conhecimento. Segundo Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 65), é um texto que “[...] trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção”. Nesse sentido, o RE traz o registro de práticas vivenciadas (experiência próxima) que, descritas dentro de um contexto científico, podem se tornar objeto de conhecimento (experiência distante) a partir do discurso de sujeitos da pesquisa.

O perigo consiste em cair no mero discurso subjetivo. Por se tratar do relato de experiências vivenciadas se corre o risco de descambar para um mero discurso em primeira pessoa. A fim de evitar isso, é importante que o texto traga coerência, consistência e objetividade. Se faz necessário também que se compreenda a estruturação do texto atentando às questões léxico-gramaticais e semântico-discursivas, assim como relações contextuais (Mussi; Flores; Almeida, 2021). A configuração do texto deve conter: introdução, métodos, resultados/discussões e considerações finais. No interior se deve encontrar descrições informativas, referenciadas, dialogadas e críticas.

O RE pode ser considerado um lugar de memória? Segundo Nora (1993), os lugares de memória estão entre locais de acumulação e espaço de metamorfoses simbólicas. Lugares que amenizam os traumatismos da aceleração da história que mutila a ligação com o passado. Diante disso, “[...] é preciso criar arquivos, [...] manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, [...]” (Nora, 1993, p. 13). Todas essas produções culturais humanas surgem da necessidade de cristalizar a memória.

Enquanto locais de acumulação, Nora (1993, p. 15) vai dizer que os lugares de memória podem descambar para uma obsessão arquivística voltada a acumular tudo num dossiê que, em determinado momento, “devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história”. Essa acumulação compreende objetos e outros mais que colaboram para a dublagem de um passado distante ‘vivido’ a partir de uma memória-prótese. É preciso que tais lugares se façam meios de memória e não uma finalidade em si próprios.

Entender os lugares de memória como meios mnemônicos é compreendê-los como espaços de metamorfose. Sobre isso, Nora (1993, p. 09) afirma que

a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento,





X Encontro Nacional das Licenciaturas

IX Seminário Nacional do PIBID

inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.

A experiência com os lugares de memórias implica estar aberto à dialética própria daquele espaço de forma a perceber que a memória não está no bem cultural, mas existe através dele. Saber olhar através desses bens mnemônicos é considerar aqueles aspectos que o definem: material (aparência), simbólico (aura simbólica pela imaginação) e funcional (ritual). Deter-se sobre apenas um desses aspectos torna a experiência equivocada: “Os três aspectos coexistem sempre” (Nora, 1993, p. 22).

Nesse contexto, o RE é tido como lugar portátil de memória. Nora (1993) fala dessa especificação de lugar de memória se referindo às tábuas da lei. Ao que se pode entender por documentos. No caso do RE, um documento científico. Esse documento científico passa a existir não para acumular informações, mas para compartilhar conhecimento dado sua aparência estrutural própria de escrita, ação imaginativa de quem escreve e o ritual de celebração do conhecimento mediante a leitura de outros. Esse tipo de texto acadêmico é um relato de experiências vividas que, considerando o contexto científico, se faz um meio da memória a ser compartilhada com outros e não apenas uma simples narrativa em primeira pessoa.

A memória a ser compartilhada no relato que segue dá conta das experiências vivenciadas no âmbito do PIBID – um programa de iniciação à docência vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No âmbito da formação docente universitária possibilita ao licenciando bolsista experimentar o chão da escola pensando no futuro profissional. Além disso, desempenha uma função importante na permanência desse licenciando na universidade por meio de uma bolsa. Assim, o PIBID atua por meio de núcleos compostos por discentes de iniciação à docência, supervisores das escolas parceiras e coordenadores de área. Esses núcleos devem existir em construção coletiva de saberes em que cada integrante possa avançar para além de suas funções pedagógicas. Não à toa, o Edital nº 10 (CAPES, 2024) considera como

[...] Iniciação à Docência a inserção orientada e supervisionada dos estudantes de cursos de licenciatura em escolas públicas de educação básica, para que realizem atividades com níveis crescentes de complexidade e autonomia docente, de acordo com a fase do curso em que se encontra cada licenciando, contribuindo com o conhecimento e a vivência do seu futuro campo de atuação profissional durante toda a graduação.





Com base no pressuposto de inserir o licenciando na dinâmica escolar, o PIBID pretende, dentre outras coisas: incentivar a formação de professores fortalecendo os cursos de licenciatura; desafiar os licenciandos na formação de uma práxis educativa; aproximar a universidade da escola pública; inserir os licenciandos no ambiente escolar enquanto espaços de vivências inovadoras e interdisciplinares; incentivar a participação dos professores da educação básica na formação dos licenciandos; trabalhar a identidade profissional dos futuros professores; desenvolver a pesquisa, a extensão e a produção acadêmica a partir da realidade escolar; e “propiciar aos estudantes de licenciatura a vivência da cultura escolar e do magistério, por meio da apropriação e da reflexão sobre instrumentos, saberes e peculiaridades do trabalho docente” (CAPES, 2024).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto pibidiano, a experiência foi um divisor de águas na atuação docente. Minha entrada no curso de Belas Artes se deu em 2009. Esse acesso foi possível através da última edição da modalidade de ingresso por vestibular – prestado em 2008. Desde então, o acesso ao curso de Belas Artes passou a ser via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No entanto, o curso ainda mantém o Teste de Habilidade Específica (THE) como uma avaliação complementar a revelar a aptidão do(a) candidato(a) para o desenho. No caso do curso de Belas Artes, o THE substitui o Sistema de Seleção Unificada (SISU).

Em agosto de 2012, por conta do *Programa Ciências sem Fronteiras*<sup>2</sup>, tive a oportunidade de fazer um intercâmbio de 11 meses junto à Universidade de Padova, na Itália. Por aquele tempo estive em contato com originais de grandes obras de arte que em sala de aula só era possível ver em livros. Viajei de avião e vi neve pela primeira vez (Fig. 01). Foi um período de muitos desafios, superações e descobertas. O retorno aconteceu em setembro de 2013.

---

<sup>2</sup> Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC (CNPq, 2022).







Em 2014, depois da tensão da entrevista, fui selecionado ao PIBID (Edital 61/2013). A docência sempre me encantou. Tanto é que, em minha carta de intenção, durante o processo seletivo, escrevi:

Tenho interesse em participar do PIBID pela necessidade interna, enquanto estudante, de vivenciar o cotidiano da pesquisa e da docência. Sinto a necessidade de estar mais ligado à universidade. Durante todo o tempo de curso em Belas Artes apenas estive na universidade no tempo de aula. Uma experiência um pouco mais singular nesse sentido foi quando atuei como Monitor de Cor. Auxiliar os professores acrescentou, de certa forma, na construção de uma prática docente e ainda permitiu que permanecesse mais tempo na universidade. Tanto a docência quanto a pesquisa me movem rumo a um futuro.

Já antes de entrar para o curso de Belas Artes atuava em sala de aula. Sempre como professor de Arte – ainda que tivesse uma formação anterior em Letras (Português/Literatura)<sup>3</sup>. Desde 2007, lecionava Arte para turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A entrada para o curso de Belas Artes foi a realização de um sonho. Ser selecionado para o PIBID foi um divisor de águas na minha formação acadêmica e atuação em sala de aula. Digo com segurança que fui um professor ‘a.P’ (antes do PIBID) e outro ‘d.P’ (depois do PIBID). O que acaba por reforçar um dos objetivos do programa que “contribuir para a valorização do magistério” e o desenvolvimento da identidade profissional docente (CAPES, 2022).

Junto das bolsistas Priscila Marcondes e Patrícia Vieira, fomos designados para atuar na E. M. Gilson Silva, em Seropédica (RJ), com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Lá desenvolvemos atividades de observação e regência. Lá trabalhamos o Madonnaro, uma técnica de desenho no chão com materiais efêmeros como cacos de tijolo, carvão vegetal e gesso ou giz de quadro branco. Durante o intercâmbio pude fazer um curso sobre a técnica em Verona. No entanto, para a realização da atividade, aconteceram alguns imprevistos que impediram sua realização. Foi preciso improvisar e os alunos fizeram os desenhos em folhas fixadas na parede considerando a realidade escolar encontrada (Fig. 01).

<sup>3</sup> No ano de 2006 iniciei o curso de Letras (Português/Literatura), na Universidade Estácio de Sá, no West Shopping (RJ). A ideia era ter uma graduação que possibilitasse cursar posteriormente uma Especialização Lato Sensu em História de Arte e assim ter ‘justificada’ minha presença em sala de aula – pelo menos pensava assim. Tudo mudou em 2008 quando uma amiga chegou com a notícia do início do curso de Belas Artes na UFRRJ. Resisti, mas acabei ‘fazendo por fazer’. Não acreditava que conseguiria a aprovação no vestibular. Fiz e fui aprovado. Porém, não podia abandonar o curso de Letras. Por essa época já atuava em sala de aula desde de 2007. A solução foi frequentar os dois cursos. O que perdurou até 2010 quando se deu a conclusão do curso de Letras.



Fig. 01 - Madonnaro na parede

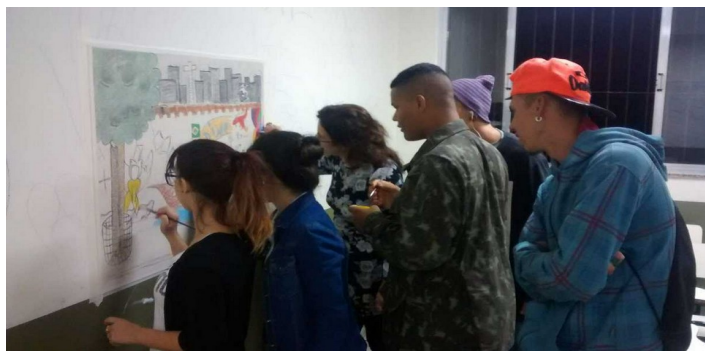


Fonte: Priscila Marcondes

Outra experiência, na mesma escola, aconteceu no primeiro semestre de 2015. Porém dessa vez, com a participação da bolsista Stephanie Solrac em lugar de Patrícia Vieira. Na ocasião, fomos trabalhar o projeto *Mural: um instrumento pedagógico para se pensar a mobilização social dentro da escola* (Fig. 02). A ideia surgiu a partir de percebermos, desde o projeto anterior, um contexto de depredação para com o espaço escolar. Foi então que se pensou um projeto que mobilizasse para a cidadania e valorização daquele espaço.

Infelizmente, não foi possível a conclusão do projeto com a pintura mural. Foi solicitada à direção da escola a autorização para a realização da pintura. Esta, por sua vez, disse não poder fazê-lo por conta de estar subordinada a um conselho gestor municipal. A proposta, então, teria de ser enviada a este conselho. A resposta nunca chegou... Como alternativa foi realizada a obra final em forma de painel – técnica mista sobre papel Paraná (Solrac *et al.*, 2016).

Fig. 02 - Turma em ação



Fonte: Priscila Marcondes







Não somente foi possível vivenciar essas experiências no chão da escola, mas também o tempo como pibidiano rendeu alguns trabalhos como pesquisador. Foi no ENALIC<sup>4</sup> 2014 que tive a oportunidade de, em parceria com as colegas bolsistas, publicar o primeiro artigo acadêmico: um RE a partir do experimento com o Madonnaro na escola Gilson Silva. Depois esse mesmo texto foi aprofundado e publicado na *Revista Fermentario* (2015). Também o PIBID me ofereceu uma bolsa favorecendo a permanência na universidade. Já que ao retornar do intercâmbio tive de recomeçar a vida profissional.

O tempo passou... Minha colação de grau aconteceu em 2015. Em 2016 fui aprovado em dois concursos públicos: Estado do RJ e Prefeitura de Mangaratiba – além de permanecer nas escolas privadas. Era o começo de uma peregrinação pedagógica pelo interior do Rio de Janeiro. Depois passei ainda pelas prefeituras de Porto Real e Angra dos Reis. Em 2022, retornei à UFRRJ como professor do curso de Licenciatura em Belas Artes onde atuo como professor de Gravura e outras disciplinas.

No mesmo ano surgiu a oportunidade de atuar como coordenador de área no PIBID. Dessa vez como voluntário já que, dentre os requisitos exigidos, me faltava experiência mínima de três anos como docente em curso de licenciatura e atuações como coordenador, orientador de estágio e monografia, etc (CAPES, 2022). Foi então que, junto do prof. Fabio de Macedo, coordenador titular, nos foi designado por processo seletivo a coordenação de 08 bolsistas. Estes atuaram na E. M. das Acácias, em Itaguaí (RJ), sob supervisão da prof<sup>a</sup> Elinete Antunes.

Em segunda experiência, a partir do Edital PROGRAD<sup>5</sup> N° 19 (UFRRJ, 2024), já não me encontro como coordenador voluntário. No atual grupo temos uma equipe de quatro coordenadores<sup>6</sup> os quais têm sob sua orientação seis bolsistas cada (Fig. 03). Uma dupla de cada coordenador(a) foi direcionada para uma das três escolas-campo. São essas as escolas: E. M. das Acácias, em Itaguaí (RJ); CEJA<sup>7</sup> Professora Rosa Soares, em Mesquita (RJ); e CMEI<sup>8</sup> Professor Hemetério Fernandes do Rego (Pastorsinho), em Seropédica (RJ).

---

<sup>4</sup> ENALIC – Encontro Nacional das Licenciaturas.

<sup>5</sup> PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação UFRRJ.

<sup>6</sup> Dois desses coordenadores, o prof. Bruno Matos Vieira e a prof<sup>a</sup> Luciana Dilásio Neves, foram meus coordenadores quando integrei o programa como pibidiano. O outro integrante da equipe é o prof. Fabio Pereira Cerdera.

<sup>7</sup> CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos.

<sup>8</sup> CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil.





Fig. 03 – Coordenadores e supervisores – PIBID 2025



Fonte: Instagram PIBID Belas Artes

O novo momento como coordenador tem sido um período de muitos desafios. Um deles diz respeito à gestão de pessoas. Coordenar um grupo de pessoas não é tarefa fácil. Cada um chega com seus ‘vícios e virtudes’ - inclusive quem coordena. Tenho aprendido a respeitar o tempo e as particularidades individuais sempre mostrando a importância da responsabilidade coletiva. O que tem favorecido o desenvolvimento de habilidades sociais para lidar com as demandas interpessoais e favorecer o relacionamento saudável e produtivo (Koltermann, 2023). Por fim, há que se mencionar o desafio da produção acadêmica – aqui inclui a pesquisa e a extensão. Estimular a leitura, a interpretação e a escrita tem sido o direcionamento do nosso grupo. Nesse período foi possível participar de inúmeros seminários, encontros e outros. Também, no âmbito da universidade, tem sido produtiva a oferta de oficinas, aulas-passeio e outras ações de extensão. Aproximando, assim, a universidade da escola pública (CAPES, 2024).

Ao longo dos anos, o PIBID vem se consolidando como um programa fundamental na formação acadêmica de professores. A experiência na escola tem sido um divisor de águas para estudantes de licenciaturas Brasil afora. É enquanto bolsista pibidiano que tantos têm decidido de fato entrar em sala de aula [memória]. Outros, por sua vez, entendem não ser a área que pretendem seguir [esquecimentos]. Até mesmo aqueles que já atuavam em sala de





aula, após a experiência pibidiana, tiveram suas práticas pedagógicas impactadas – foi assim comigo. O fato é que o PIBID possibilita pisar o chão da escola como espaço social apropriado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo dito até aqui foi possível perceber que o compartilhamento de experiências pessoais via texto científico o configuram como um lugar de memória para a humanização – inclusive no que tange à formação docente. O relato em primeira pessoa, enquanto ‘lugar’ de fala e espaço de diálogo com outros [autores], podem transformar a vida biológica em vivência biográfica. Esse RE, enquanto texto científico, pensado como lugar de memória e elemento biográfica comporta, inclusive, os esquecimentos que fazem parte da construção mnemônica e da condição humana. O que, segundo Nora (1993), evita o simples acúmulo e a manutenção de uma memória prótese. As memórias contadas aqui colocam o texto científico como elemento de materialização visual das experiências próximas (vivenciadas) ressignificando-as como experiência distante (observado). Transformando a memória individual em memória social...

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES a oportunidade de ter participado do PIBID como bolsista e agora atuar como coordenador; à UFRRJ pela formação acadêmica e local de trabalho; aos/às colegas coordenadores, supervisores/as e bolsistas pela parceria e por me ensinarem tanto.

## REFERÊNCIAS

CAPES. **Edital nº 10/2024**. Brasília, DF: 2024. PDF

CAPES. **Edital nº 61/2013**. Brasília, DF: 2013. PDF

CAPES. **Portaria Nº 83**, de 27 de Abril de 2022. Dispõe sobre o regulamento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). PDF.





CNPq. **Ciências sem Fronteiras**. 03 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/programas/ciencia-sem-fronteiras>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOLTERMANN, Gabriella. Habilidades sociais: o que são e qual sua importância no contexto universitário? 22 de março de 2023. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saberviver/habilidades-sociais-o-que-sao-e-qual-sua-importancia-no-contexto-universitario/>. Acesso em: 17 de novembro de 2025.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, Out./Dez., 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n48/2178-2679-apraxis-17-48-60.pdf>. Acesso em: 28 de julho de 2025.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História** – Departamento de História da PUC-SP, nº 10, p. 09-28, dez. 1993.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-24.

SILVA, Priscila Marcondes da; COELHO, Marcelo Amaral; VIEIRA, Patrícia Karla Mendes. Arte marajoara, Madonnaro e Vicente do Rego Monteiro: elementos para a reflexão da própria realidade e (re)afirmação de identidade num contexto de trocas culturais. **Fermentário**, N. 9, Vol. 2, 11 p., 2015.

SOLRAC, Stephanie; COELHO, Marcelo A.; MARCONDES, Priscila; VIEIRA, Bruno Matos. **Projeto Mural**: um instrumento pedagógico para se pensar a mobilização social dentro da escola. 2016. Disponível em: <https://eventos.ufrj.br/raic/files/2016/06/2309-9137-1-SM.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

UFRRJ. **Edital de Seleção de Discentes para Cadastro Reserva no PIBID/UFRRJ 2024-26**. Edital Nº 19/2024 PROGRAD. PDF.

